

Artigo recebido em:
17.03.2018

Aprovado em:
20.04.2018

Crítica às práticas jornalísticas no livro de repórter: exemplo a partir da cobertura sobre a Palestina¹

**Tássia Becker
Alexandre**

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Mestre em Jornalismo pela UFSC.
E-mail: tassia.becker@gmail.com

Tatiane Milani

Jornalista, mestranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos.
E-mail: tatianemilani@edu.unisinos.br

Beatriz Marocco

Jornalista, doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.
E-mail: bmarocco@unisinos.br

¹Versão ampliada e revista de resumo apresentado no 14º Seminário Internacional de Comunicação (2017).

Estudos em Jornalismo e Mídia
Vol. 15 Nº 1
Janeiro a Junho de 2018
ISSNe 1984-6924

Tássia Becker Alexandre
Tatiane Milani
Beatriz Marocco

Resumo

O panorama atual das redações jornalísticas, em que os jornalistas precisam dar conta de múltiplas tarefas em equipes cada vez mais enxutas, está entre os fatores que podem contribuir para que a reflexão crítica sobre o fazer jornalístico seja deixada em segundo plano. Na contramão deste cenário, existem os chamados “livros de repórter” (MAROCCO, 2011; 2016), que abrem espaço à interpretação crítica dos jornalistas e à construção de uma autoria individual. Este trabalho insere-se neste contexto e apresenta uma pesquisa exploratória sobre o tema a partir da análise do livro de repórter *Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto*, de Adriana Mabilia (2013), destacando a crítica endógena e exógena ao jornalismo presente na obra.

Palavras-chave: Jornalismo. Livro de repórter. Crítica das práticas.

Criticism of journalistic practices in the book by reporter: an example from the coverage of Palestine

Abstract

The current panorama of the journalistic newsrooms, in which journalists increasingly need to handle multiple tasks in reduced teams, is among the factors that can contribute to the critical reflection on journalistic making is left in the background. On the contrary to this scenario, there are “books by reporters” (MAROCCO, 2011; 2016), that open space to the critical interpretation of the journalists and the construction of an individual authorship. This paper is inserted in this context and it presents an exploratory research on the theme starting from the analysis of *Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto*, by Adriana Mabilia (2013), highlighting the endogenous and exogenous critic present in the book.

Key words: Journalism. Books written by reporters. Criticism of journalistic practices.

Introdução

A crítica do jornalista sobre o fazer jornalístico ainda é uma atividade pouco comum nos grandes veículos de mídia do Brasil, o que é corroborado com o fato de que a figura do *ombudsman*² está presente em apenas um jornal no país (*Folha de S. Paulo*). Os controles discursivos que atravessam o processo de produção das notícias (FOUCAULT, 1996; MAROCCO, 2016), bem como a pressão do tempo, as condições de trabalho precárias, a exigência de múltiplas competências dos profissionais e as equipes cada vez mais enxutas (NUNES, 2016) estão entre os fatores que contribuem para que a interpretação crítica seja deixada em segundo plano. Esta reflexão é importante, pois é ela que permite ao jornalista rever e avaliar processos.

Além do *ombudsman*, é possível identificar no jornalismo os chamados “livros de repórter” (MAROCCO, 2011; 2016), produções que vão de encontro a este cenário ao abordar o conteúdo jornalístico em conjunto com a interpretação crítica dos jornalistas. Estas obras também se configuram como um espaço à construção de uma autoria individual e à abertura às subjetividades dos sujeitos. Entre os exemplos de livros de repórter estão os títulos *O olho da rua*, de Eliane Brum (2008), *O nascimento de Joicy*, de Fabiana Moraes (2015), e *Entre árabes e judeus*, de Helena Salem (1991).

Este trabalho insere-se neste contexto e apresenta uma pesquisa exploratória sobre os livros de repórter. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52), a pesquisa exploratória “tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto”, e em geral envolve levantamento bibliográfico e análise de exemplos que ajudem a compreender o fenômeno pesquisado. Para ilustrar os livros de repórter, selecionamos e analisamos a obra *Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto*, de Adriana Mabília (2013), na qual a jornalista aborda sobre o conflito entre palestinos e israelenses a partir de histórias de mulheres palestinas, tendo como objetivo contar “como é viver num território ocupado por décadas” (MABÍLIA, 2013, p. 46). O livro é perpassado do início ao fim pela reflexão crítica de Adriana Mabília sobre a sua prática, e à cobertura do conflito realizada pela imprensa de modo geral. Além disso, a autora expõe críticas produzidas pelas próprias fontes, bem como apresenta as operações e métodos utilizados na apuração e de escrita do texto. Ainda, *Viagem à Palestina* traz indícios da experiência da repórter nos âmbitos pessoal e profissional.

O artigo está dividido em seis seções, incluindo introdução, considerações finais e referências. Na segunda seção, apresentada a seguir, abordamos sobre os controles discursivos que coagem à ação subjetiva dos jornalistas e o livro de repórter como um modo de resistência dos profissionais a esses controles. A terceira seção explana sobre a crítica das práticas jornalísticas. Na quarta seção, relatamos os procedimentos metodológicos e expomos a análise do livro de repórter *Viagem à Palestina*. Na quinta seção, trazemos as considerações finais relativas ao trabalho desenvolvido. As referências que embasam o texto correspondem à sexta e última seção do artigo.

A subjetividade como suporte para um novo formato jornalístico

O discurso jornalístico tem entre suas características a de representar a realidade da maneira mais fidedigna possível. Charron e Bonville (2016) explicam que, devido à necessidade de convicção do real, o jornalista é submetido a um imperativo de verossimilhança, a qual implica tanto em uma conformidade com a realidade como na veracidade das informações, em que aquilo que se diz é tido

²No jornalismo, o *ombudsman* é o profissional responsável por ouvir as demandas do público e desenvolver uma análise reflexiva sobre a prática do veículo.

como verdade. Os autores esclarecem que essa imposição de adequação ao real está ancorada na instituição midiática, perpassando desde as técnicas de apuração e elaboração da notícia até os agentes envolvidos na produção jornalística. Estabelece-se, desta maneira, um contrato de comunicação entre jornalistas e demais agentes sociais que garanta essa correspondência ao real e à verdade (CHARRON; BONVILLE, 2016).

Por um longo período, essa exigência de conformidade com o real esteve atrelada à noção de objetividade, a qual foi convencionalizada como a descrição dos fatos, sem intervenção dos sujeitos no relato da realidade (LAGE, 2001; SPONHOLZ, 2009). Ainda na década de 1970, Tuchman (1999) já destacava que o jornalista, a fim de alcançar a objetividade e prevenir críticas e outras formas de questionamento sobre o seu trabalho, adota uma série de estratégias, como uso do *lead*, uso das aspas e apresentação de ideias conflitantes: as fontes e os dados estão ali para comprovar que o que se diz é o real, a verdade.

Embora este entendimento de objetividade venha sendo refutado na academia (RODRIGO ALSINA, 1995; SPONHOLZ, 2009) e pelos próprios profissionais – já que a realidade é sempre vista a partir de uma perspectiva, por um sujeito que é perpassado por subjetividades – ainda hoje predomina a ideia de que o jornalista precisa ser objetivo nas suas atividades e manter-se neutro em relação aos acontecimentos que cobre, o que pode ser evidenciado a partir do livro analisado para este trabalho. Em *Viagem à Palestina*, Adriana Mabília (2013) comenta sobre o dilema em deixar seus sentimentos e percepções aflorarem durante a apuração das informações:

Entregar-me a essas sensações às vezes me causa culpa, pois o jornalista tem de manter o mínimo de distância dos acontecimentos para relatá-los de maneira imparcial e precisa. Tenho pleno conhecimento dessa regra e concordo com ela, mas, ao mesmo tempo, penso que estou aqui justamente para entender o que é viver num território ocupado. Então, viver essa experiência pela metade e bloquear os meus sentimentos, talvez, de alguma forma, também signifique ignorar e dar as costas aos fatos (MABÍLIA, 2013, p. 93).

Marocco (2016) propõe ir além do debate sobre a objetividade/subjetividade no fazer jornalístico e remete os controles discursivos pensados por Foucault (1996) ao campo do jornalismo, a fim de investigar os controles que coagem a ação subjetiva e de resistência do jornalista. Para Foucault (1996, p. 8-9), a produção dos discursos é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos, os quais têm a função de “[...] conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Nesta direção, Marocco (2016) associa à prática jornalística três formas de controle discursivo: procedimentos externos (sistemas de exclusão definidos por Foucault – a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade), procedimentos internos (comentário, autoria e disciplinas) e procedimentos que não são nem totalmente externos, nem totalmente internos (hierarquia organizacional) (MAROCCO, 2016).

Especificamente no que se refere aos procedimentos internos, a pesquisadora evidencia a ausência do comentário³ no jornalismo, isto é, a escassez de uma análise reflexiva do próprio jornalista sobre a sua prática (MAROCCO, 2016). Enfatizamos que, na era digital e multiplataforma, o tempo para essa reflexão é ainda menor tendo em vista as redações cada vez mais enxutas, a exigência de múltiplas competências dos profissionais, além da demanda pela instantaneidade dos conteúdos.

Ainda referente aos procedimentos internos, Marocco (2016) explica que no jornalismo tradicional diário não é possível identificar a função de autor como proposta por Foucault⁴ (2009), o qual vê o autor como aquele que permite rea-

³O comentário, na perspectiva de Foucault (1996, p. 25), refere-se ao “desnível entre texto primeiro e texto segundo que, por um lado, permite construir indefinidamente novos discursos e, por outro, anuncia que o comentário não tem outro papel que não seja o de dizer o que estava articulado, silenciosamente, ao texto primeiro”.

⁴Foucault (2009) salienta que a atribuição de um texto a um autor não se dá de forma espontânea, mas por meio de uma série de operações específicas e complexas.

grupar e relacionar um certo conjunto de textos, bem como os autores “transdiscursivos” que elaboram teorias, tradições ou disciplinas nas quais outros autores podem se colocar. Nesses textos, a “[...] autoridade é diluída no coletivo da redação, ou mesmo no nome do jornal, em uma não autoria individual regida pelo terreno da verdade que exclui do jornalístico tudo o que não o seja” (MAROCCO, 2016, p. 16).

A disciplina, por sua vez, controla a produção dos discursos, definindo o “terreno da verdade” e regulando as proposições que não estejam ligadas a textos ou autores. No jornalismo, a disciplina pode ser vista “[...] como requisito de autonomia em relação a saberes como a literatura, e como uma regulação com vistas a produzir efeitos de poder sobre a recepção” (MAROCCO, 2011, p. 119).

Marocco (2011; 2016) reconhece, porém, que existe um movimento no jornalismo que realiza um giro autoral, uma ação de resistência, em que o jornalista traz o comentário para o texto, exerce a autoria individual e, acrescentamos, vai de encontro à noção de objetividade como um apagamento/distanciamento do jornalista na apresentação da realidade: o chamado “livro de repórter”. Segundo a autora,

Trata-se de um tipo de texto que se ocupa do jornalismo, para dele elaborar outros textos que oferecem o desvendamento de certos modos de fazer jornalismo, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos, em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa daquilo que é considerado norma no jornalismo, quer seja em suas práticas, quer seja no âmbito acadêmico (MAROCCO, 2011, p. 121).

A expressão “livro de repórter” é utilizada por Marocco (2011; 2016) para demarcar a oposição deste tipo específico de produção em relação ao “livro-reportagem”. Como destacado, o livro de repórter tem como característica a autoria individual do jornalista e a crítica à prática jornalística. Já o livro-reportagem pode ser compreendido, nas palavras de Lima, como o “veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio” (LIMA, 2017, online). O livro-reportagem garante liberdade na abordagem da pauta e também é um veículo para a prática do jornalismo literário (LIMA, 2017), contudo, não contém, necessariamente, essa análise reflexiva do repórter sobre o seu fazer.

A crítica à prática jornalística no livro de repórter situa-se no âmbito do reconhecimento do presente e na acontecimentalização, como veremos na seção a seguir.

Crítica das práticas jornalísticas como característica do “livro de repórter”

A partir das reflexões acima, entendemos que a noção de “livro de repórter” se caracteriza pela construção da crítica da prática jornalística, e é visto como um lugar em que é possível expressar a autorialidade do jornalista. Mesmo com o uso da subjetividade, Marocco (2016, p. 18) explica que a crítica construída no livro de repórter “[...] não rompe com o jornalismo, embora o ‘repórter autor’ construa com seu trabalho um lugar de contrajornalismo, voltado ao exercício da crítica como reconhecimento do presente”.

O reconhecimento do presente, conceito apresentado por Foucault, corresponde a um trabalho de escavação, de arqueologia, em que se visa “dizer o que somos hoje e o que significa, hoje, dizer o que nós dizemos” (FOUCAULT, 2014, p. 34). No jornalismo, o reconhecimento do presente passa pela complexificação do acontecimento em um poliedro de inteligibilidade, isto é, a composição, decomposição e recomposição dos acontecimentos a fim de auxiliar em sua produção e na compreensão de como estes “[...] se engendram, acionando e revelando uma rede discursiva que lhe é anterior e exterior” (MAROCCO; ZAMIN; BOFF, 2012, p. 95).

Marocco (2016) apresenta um panorama histórico a partir do aparecimento das primeiras críticas das práticas, em que intelectuais e jornalistas criticavam o trabalho de outros jornalistas. Isso posto, a autora afirma que, a partir do campo jornalístico, outros campos passam a dar solidez a discursos críticos sobre os profissionais e também às empresas jornalísticas. Avançando nessa direção, Rüdiger (2010, p. 217) ressalta que “a reflexão crítica sobre os fenômenos de comunicação constitui em si mesma um fragmento de práxis transformadora que, com isso, colabora com os esforços no sentido de desenvolver a dimensão iluminista da mídia, por maiores que sejam os obstáculos”.

O autor ainda comenta sobre o comportamento de um crítico, sendo aquele que “desenvolve uma análise das contradições de seu processo de posição no mundo histórico, em vez de buscar sua purificação ou sustentar a nostalgia do retorno a algum estado idílico passado” (RÜDIGER, 2010, p. 217). Rüdiger acentua que, com a modernidade, o conhecimento precisa ser renovado constantemente, sendo cada vez mais amplo, isso por meio “de sucessivos meios de comunicação mas, sobretudo, da expansão das práticas jornalísticas” (RÜDIGER, 2010, p. 218).

A partir dos estudos de Marocco (2016) e da análise do livro de repórter *Viagem à Palestina*, observamos dois tipos específicos de crítica das práticas jornalísticas: a endógena e a exógena. Estas são caracterizadas, respectivamente, pela crítica feita pelo próprio profissional sobre o seu fazer jornalístico; e, na outra, a crítica sobre o discurso do jornalista é exercida de forma exterior, ou seja, além do jornalista refletir sobre o seu modo de fazer jornalismo (crítica endógena), há a crítica feita por outros sujeitos, que podem ser as próprias fontes (crítica exógena).

A modalidade de crítica, em que o crítico se dobra criticamente sobre o saber em que se enquadra, com a pretensão de criticar as leis que regulam este mesmo saber, foi desenvolvida em jornais que operaram fora das empresas jornalísticas. O jornalista alemão Karl Kraus combateu as estratégias da imprensa e a ação dos jornalistas. Kraus projetou na imprensa a realização do ideal iluminista de esclarecimento das pessoas e da sociedade, enquanto os jornais da época, ao contrário, arruinavam o potencial individual de imaginação (MAROCCO, 2016, p. 20).

Na análise da obra de Adriana Mabilia (2013), percebemos que a crítica é presente entre as fontes, que cobram dos jornalistas maior preocupação à cobertura de conflitos na região. Cabe ressaltar, porém, que dentro do contexto do que é fazer uma cobertura de conflito, o jornalista precisa se ajustar e adaptar o seu modo de apuração conforme o ambiente. É nesse ambiente que Zamin (2011, p. 390) assinala que o jornalismo é constituído “não apenas como lugar de acolhimento destes conflitos, mas como o espaço onde os mesmos têm ocorrência discursiva”.

Por conta da dependência de padronização de matérias e o curto espaço, seja no jornal impresso ou no meio televisivo, muitos jornalistas iniciam outros projetos, como livros reportagem e livros de repórter. São obras que permitem o deslocamento da atividade cotidiana do jornalismo, adquirindo outra espessura, mas sem “deixar de ser jornalístico porque se fundamenta no exercício profissional” (ZAMIN, 2011, p. 392).

Todo o processo de construção do acontecimento não abandona a objetividade do jornalista, mas permite ele seja “sujeito – ao contrário do texto jornalístico que propõe o apagamento daquele que fala – e, longe dos controles da redação, expressar sua subjetividade, suas impressões e suas opiniões diante do ocorrido” (ZAMIN, 2011, p. 392).

Os riscos existentes em um conflito bélico geram insegurança tanto para os cidadãos, como para os repórteres. As notícias, porém, raramente relacionam os conflitos com a insegurança enfrentada pelos primeiros, que vivem o dia a dia dos conflitos, como pelos jornalistas, na realização do seu trabalho (ZAMIN, 2011, p. 400).

Nesse contexto, a partir da leitura do livro *Viagem à Palestina*, percebemos a maneira como a autora Adriana Mabília se coloca no texto, explicitando na narrativa a forma de apuração e produção, bem como sua experiência pessoal. Na obra, Mabília relata o contexto de guerra em que está inserida e o seu medo em estar em um território ocupado, o que resulta na omissão da sua identidade como jornalista – condição esta que permite relatar os fatos sem ser percebida pelo exército israelense. Ainda, a escolha do livro como plataforma do texto também lhe garante mais liberdade em relação aos veículos tradicionais de imprensa para relatar informações contextuais.

Viagem à Palestina: “O mundo tem que saber disso de alguma maneira”

Com o objetivo de realizar uma pesquisa exploratória sobre os livros de repórter, selecionamos e analisamos a obra *Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto*, de Adriana Mabília (2013) para exemplificar a crítica à prática jornalística presente neste tipo específico de produção. Antes de detalhar os procedimentos metodológicos e a análise, explicamos brevemente sobre a jornalista, a obra e as motivações da profissional na elaboração do livro.

Adriana Mabília é jornalista e especialista em assuntos do Oriente Médio (PUC-SP). A ideia para a produção do livro surgiu a partir das inquietações pessoais relativas ao conflito israelo-palestino, acumuladas em mais de 15 anos de experiência na editoria internacional, e também após a conclusão do trabalho de conclusão de sua especialização. Ela conta que a dificuldade para encontrar informações sobre a população feminina da Palestina durante a pesquisa na pós-graduação fez surgir a ideia do livro e da viagem. Para produzir a obra, a jornalista viajou quatro vezes ao país e contou com uma rede de apoio no Brasil e também no Oriente Médio (MABÍLIA, 2013; 2017).

Voltando à análise, esta foi desenvolvida a partir de dois níveis: 1) crítica exógena: crítica das fontes ao jornalismo; e 2) crítica endógena: crítica da jornalista à prática. No primeiro nível, apresentado a seguir, identificamos alguns trechos da obra que apontam as reflexões sobre a cobertura jornalística acerca do conflito entre Palestina e Israel desenvolvidas pelas fontes entrevistadas pela autora. O segundo nível é subdividido em a) exemplos de momentos em que Mabília realiza a análise reflexiva da sua prática e a dos meios de comunicação em relação à abordagem da temática em questão; e b) indicação de passagens nas quais a autora manifesta a sua experiência no processo de produção e redação do livro.

Os procedimentos metodológicos empregados na realização da análise envolveram a leitura da obra, a transcrição de trechos que continham reflexões sobre o fazer jornalístico, a organização dessas passagens nos dois níveis de crítica (endógena e exógena) e descrição. As reflexões são relacionadas ao próprio fazer jornalístico narrado pela autora, que perpassam experiências e processo de produção.

Crítica das fontes à cobertura sobre a Palestina

No livro de Adriana Mabília, ela nos mostra outro modo de crítica das práticas jornalísticas, a crítica que chega pelas fontes. No jornalismo, as fontes são selecionadas preferencialmente em função de três particularidades: autoridade, produtividade e credibilidade. Por esta razão, as fontes conhecidas como oficiais acabam sendo preferidas em relação aos demais sujeitos, pois estão associadas a esses aspectos (MAROCCO, 2016). Em *Viagem à Palestina*, a autora não utiliza essa padronização das fontes, mas propõe uma forma própria de escolher quem irá

entrevistar, e à sua maneira. Como acentua Marocco (2016, p. 63), alguns jornalistas “conscientes da relação de uso da fonte proposta pelo cotidiano profissional, inventaram métodos próprios para se relacionar com o outro na entrevista e para se relacionar com o leitor, pondo em jogo o próprio corpo”. Mabília relata a forma como se colocou no lugar de observadora nas entrevistas:

Bom, é um exercício incrível esse, o de se colocar como observador de algo que está de fato acontecendo. É meio como uma ficção, como uma viagem no tempo e como se você fosse imune aos riscos e perigos do que está acontecendo. Faz parte da profissão de jornalista. E eu tenho o maior respeito por isso. Talvez seja até o que mais me satisfaz na minha profissão (MABÍLIA, 2017, s/p).

As entrevistas realizadas por Mabília (2013) são com mulheres palestinas, ou descendentes de palestinos, e a crítica à cobertura internacional chega por meio delas. Suheir, diretora⁵ da organização não governamental TAM – *Women & Media Development* voltada às mulheres palestinas, comenta que quando foi presa aos 17 anos trabalhava como fotógrafa e fazia “papel de jornalista”: “Na época, jornais e revistas não mandavam seus jornais para cá, pois era muito arriscado. Então, alguns de nós, palestinos, fazíamos o papel da imprensa” (SUHEIR apud MABÍLIA, 2013, p. 48).

⁵Cargo descrito por Mabília (2013), referente ao período da obra.

Riam Dias é filha de palestinos e nascida no Brasil. Viveu na Palestina por 12 anos e se revolta ao falar sobre o caso das mulheres-bomba, que para ela são mulheres que perderam tudo – família, filhos, casa –, e se rebelam pois não têm mais nada a perder. Ela também afirma que essas informações não são noticiadas pela mídia. “A imprensa brasileira não informa os dois lados. Quando Israel ataca, a justificativa é que foi resposta à violência dos palestinos. Quando um palestino ataca, não há justificativa, é como se ele tivesse atacado porque é selvagem, terrorista” (RIAM DIAS apud MABÍLIA, 2013, p. 60).

O sentimento de revolta também é ressaltado pela advogada Jamile Abdel Latif, quando conta sua experiência como filha e mulher de palestinos. Afirma que a imprensa não parece ter interesse nas causas e no porquê de o conflito ter iniciado.

A sensação de revolta e impotência dos palestinos é imensa. Os judeus têm a mídia, a ONU, o banco mundial, o FMI, o dinheiro do mundo e repetem à exaustão que somos os bandidos. As pessoas parecem não estar interessadas em perguntar como começou o conflito: judeus e ameríndios invadiram nosso país e não quiseram conviver conosco porque se acham superiores. Sempre que acontece um ataque palestino, falta a imprensa dizer que o ataque é uma resposta natural palestina aos crimes cometidos por Israel na ocupação contra a Palestina (LATIF apud MABÍLIA, 2013, p. 62-63).

Mabília (2013) se cerca das mulheres relacionadas ao conflito para se aproximar da realidade enfrentada em um território sob ocupação. A entrevista com Ahlan Nader Samhan, filha de palestinos, por exemplo, corrobora com Riam Dias, e salienta que a imprensa brasileira e internacional não mostra os dois lados do conflito. Durante a conversa com Adriana Mabília, ela relembra o caso de uma mulher-bomba em outubro de 2003, e explica: “o fato que levou essa mulher a cometer esse atentado foi a morte de seu esposo por soldados israelenses. Os jornais não disseram isso. Então, falta dar esse enfoque, pois para ela ter feito isso foi por algum motivo muito grave” (SAMHAN apud MABÍLIA, 2013, p. 64).

A contradição entre o que se passa na região e o que é comunicado em outros países é criticada também por mulheres estrangeiras que acompanham a situação mais de perto, como explicita a italiana Rosella, integrante de uma ONG responsável por um projeto social no local:

A informação que chega para nós é totalmente distorcida. O povo palestino tem todos os motivos do mundo para ser revoltado e violento. É um povo ocupado há décadas. Vive numa prisão a céu aberto. Mas consegue conter a calma. É um povo pacífico. E estou aqui há dois meses. O que Israel faz aqui é crime. O mundo tem que saber disso de alguma maneira (ROSELLA apud MABÍLIA, 2013, p. 110-111).

Desta forma, é possível perceber que a crítica exógena praticada pelas fontes e evidenciada no livro de repórter elaborado por Adriana Mabília realça justamente a parcialidade e a falta de contextualização na cobertura jornalística do conflito entre Israel e Palestina, em que principalmente as mulheres (mas também outros sujeitos com quem a jornalista dialoga durante a viagem) ressaltam um sentimento de injustiça pelo modo como a mídia brasileira e estrangeira retrata os palestinos e a realidade da região. Tal crítica exógena junta-se na obra de Mabília à análise reflexiva que a própria jornalista faz em relação ao seu trabalho e ao de colegas da imprensa, como destacamos na próxima subseção.

O jornalista como crítico do seu próprio fazer

No livro de repórter *Viagem à Palestina*, Adriana Mabília explica que se trata de um projeto pessoal que surgiu após anos de trabalho pesquisando e escrevendo sobre o assunto: “De tanto ler, ler e ler, passei a gostar do tema e não parei mais de estudá-lo” (MABÍLIA, 2017, s/p). Embora assuma o interesse em compreender o conflito e a vida das mulheres no cenário de guerra a partir da perspectiva dos palestinos, e exponha seus sentimentos e sensações de experimentar aquela situação, Mabília se vê diante de um “impasse”, pois coloca-se durante todo o texto como repórter e acredita que a função de jornalista implica em seguir alguns preceitos, como buscar a neutralidade na cobertura dos fatos e ouvir outras fontes envolvidas no conflito.

Uma das situações em que Adriana Mabília revela o embate entre como deveria agir e como ela se sente em relação à situação ocorre, por exemplo, quando entrevista o político e médico Mustafá Barghouthi, fundador do partido laico Al-Mubadara (Iniciativa Nacional Palestina)⁶. Na conversa, ela pergunta como o entrevistado avalia os ataques à Faixa de Gaza. Ao Barghouthi responder, “o que aconteceu em Gaza é crime de guerra”, Mabília se manifesta: “eu interrompo e questiono: mas Israel afirma que o alvo era o Hamas. Não que eu acredite de fato na justificativa do governo israelense, mas é obrigação do repórter confrontar os dois lados” (MABÍLIA, 2013, p. 146).

A experiência de Adriana Mabília com a cobertura do tema e a vivência no cenário de conflito durante as visitas à Palestina, no entanto, tornam ainda mais difícil para a jornalista manter-se neutra e distante dos fatos. Em alguns momentos, Mabília (2013) se coloca na narrativa e relata as sensações que tem ao vivenciar aquele contexto, como nos dois trechos que seguem sobre a sua participação em uma manifestação contra o muro erguido por israelenses para dividir o território palestino: “É verdade que estou aqui como observadora e não como militante, mas é difícil não se deixar envolver pela energia que começa a tomar conta dessa gente” (2013, p. 83). Nesse segundo trecho, a autora descreve o sentimento de medo que a envolve durante a manifestação:

É um momento de tensão. Os soldados, então, jogam a cerca de arame farpado em cima de nós para nos afastar. Eu corro, com medo, as crianças também, mas o resto do pessoal não arreda pé, então eu volto. Alguns rapazes estão com as mãos sangrando. Machucaram-se na cerca. Mas eles continuam. (MABÍLIA, 2013, p. 85).

⁶Adriana Mabília realiza essa entrevista à edição especial Oriente Médio da revista Caros Amigos, que circulou em maio de 2009.

A autora faz uma autocrítica do seu papel como jornalista e coloca que essas situações lhe causam culpa devido à sua condição de repórter, mas, ao mesmo tempo, defende que o objetivo de mostrar como os palestinos vivem em um território ocupado demandam o seu maior envolvimento na pauta. Há também trechos do livro em que a jornalista desenvolve uma crítica referente à sua relação com as fontes, expondo o constrangimento por tocar em questões muito pessoais e notar a expressão de tristeza das entrevistadas. “Aliás, isso tem sido um tanto constrangedor para mim. Estou levando essas pessoas a mexer em feridas ainda abertas e isso dói” (MABÍLIA, 2013, p. 166). Ainda, Mabilia (2013) relata o desconforto e o medo ao se sentir vulnerável, pois está em condições que são mais embaraçosas para mulheres. “A situação é cada vez mais incômoda [...]. Claro, sou vítima perfeita: mulher, sozinha, com aparência ocidental, logo, estou distante de casa vulnerável. Só consigo pensar que estou perdida, mesmo. Ele vai me assaltar” (MABÍLIA, 2013, p. 17-18).

Nestes momentos em que se questiona sobre o seu trabalho e o papel do jornalista na cobertura dos acontecimentos, a autora comenta que busca inspiração no trabalho de outra jornalista que admira, Helena Salem⁷. Adriana Mabilia (2013) relata que carrega consigo um texto de Helena Salem referente ao fazer jornalístico e o lê nessas situações em que tem dúvida sobre os limites de tudo o que vivenciou.

Há no jornalismo um aspecto particularmente bonito, que não se prende ao “furo”, à grande notícia. Ao fazer uma reportagem, o jornalista deve revelar, da melhor maneira e com a maior fidelidade possíveis, o pensamento, as palavras do outro que entrevista, ou o clima, a complexidade da realidade que focaliza. Em síntese, ser um fiel, e criativo, intérprete do que ouve e vê [...]. O jornalista deve ser *out* o suficiente para duvidar, e *in* o bastante para compreender, saber questionar (SALEM apud MABÍLIA, 2013, p. 94).

Adriana Mabilia (2013) não só reflete sobre o seu papel como jornalista e os questionamentos que se faz ao abordar os conflitos, como também analisa o fazer dos meios de comunicação de modo geral. Ela aponta que os limites de espaço e de tempo na cobertura midiática da ocupação acabam prejudicando a compreensão do problema, tornando as informações desconexas e fora de contexto.

A maneira como a maior parte da imprensa mundial trata esses ataques é normalmente, no mínimo, irresponsável, pois contribui para que a ocupação dos territórios palestinos pelos israelenses continue sem solução.

E eu não me eximo de culpa, apesar de que sempre tento explicar, mas o editor-chefe vai lá e corta o texto, por falta de tempo no jornal. A informação tem que caber em 30 segundos, e, por mais que o jornalista domine a técnica da síntese, palavra curta tem limite.

Com raras exceções, e raríssimos editores-chefes, em geral o que vai para a lixeira é o que dá contexto ao factual. O telespectador só fica sabendo que uma mulher-bomba explodiu e matou. O comentário é: nossa, que povo louco, são terroristas, gente violenta (MABÍLIA, 2013, p. 128).

Nesta direção, Adriana Mabilia (2013, p. 186) finaliza o livro comentando que a sua intenção não é denegrir ou defender nenhum dos lados do conflito, mas contar “[...] o que acontece com um povo que vive sob ocupação de outra nação há cerca de sessenta anos”. E é a partir do convívio com a realidade dos palestinos que a autora percebe que os próprios fatos subvertem a cobertura comumente realizada pela imprensa; e reflete sobre o papel do jornalista na sociedade.

[...] Não há como negar os fatos. Por mais que os poderosos tenham mais acesso à mídia, à propaganda, e com isso tenham instrumentos para manipular e distorcer informações, o que aconteceu ninguém muda e a verdade aparece. E, por mais que

⁷Autora dos livros de repórter: *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida* (1991); *e Palestinos, os novos judeus* (1977).

essa verdade pareça ter perdido a importância e o valor entre os homens que mandam no mundo, alguém tem que zelar por ela, porque, senão, o que será de nós? (MABÍLIA, 2013, p. 202).

Após apresentar a crítica endógena e exógena presente no livro de repórter *Viagem à Palestina*, abordamos, a seguir, considerações sobre o trabalho apresentado.

Considerações

O livro de repórter *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, de Adriana Mabília (2013), apresenta uma interpretação crítica que não costuma ser identificada na rotina diária das redações jornalísticas. Percebemos que este tipo de produção se configura como um espaço de resistência aos controles discursivos (FOUCAULT, 1996; MAROCCO, 2016) impostos diariamente à prática dos profissionais por este ser um projeto mais elaborado, que dá lugar à expressão da autorialidade do repórter, oferecendo mais liberdade na escrita e apuração dos fatos, e também por ter um tempo de produção mais flexível em relação aos veículos diários.

Retomando o que Rüdiger (2010, p. 221) destaca sobre a crítica, é importante compreender que “o reconhecimento da função cognitiva exercida pelo jornalismo em nosso meio precisa ser considerado criticamente, sem ilusões, mantido a certa distância”. Em nossa percepção, Mabília (2013) consegue desenvolver esse distanciamento crítico, refletindo sobre si mesma, acerca do que a experiência de estar no cenário de conflito representou, e, ao mesmo tempo, refletindo sobre o mundo a partir do tempo presente. A autora apresenta ao leitor uma oportunidade de conhecer o conflito em uma perspectiva de abordagem mais aprofundada, que não costuma ser apresentada na mídia tradicional, fornecendo, assim, subsídios para que o público desenvolva a sua própria análise da problemática em pauta. Mabília se abre para ouvir o que o outro tem a dizer, com o objetivo de saber quais são as condições das pessoas que vivem na Palestina, e não apenas relatar os fatos por meio de procedimentos mais “fáceis” ou usuais, como através de agências de notícia ou da escuta das fontes oficiais, por exemplo.

Apesar de a crítica às práticas e a autonomia do jornalista (MAROCCO, 2016) estarem avançando no campo jornalístico a partir dos livros de repórter, devemos buscar que essa ação não fique restrita apenas a este tipo de produção, mas que possa também ser ampliada e inserida ao fazer diário do jornalismo nas redações. Acreditamos que o incentivo à análise epistemológica reflexiva pode e deve surgir ainda na graduação, estimulando o hábito nos estudantes (e futuros profissionais do mercado) de rever a sua postura e de colegas na cobertura dos fatos. Pensamos que assim também conseguiremos formar jornalistas mais humanos, conscientes e responsáveis, capazes de se colocar no lugar do outro e exercer a alteridade.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: Uma repórter em busca da literatura da vida real. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2008.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Ditos & escritos, volume III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Ditos & escritos, volume X: Filosofia, Diagnóstico do Presente e Verdade.** Organização, seleção de textos e revisão técnica: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia.** 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima.** Livro-reportagem. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MABÍLIA, Adriana. **Viagem à Palestina: Prisão a céu aberto.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Autora de “Viagem à Palestina” conversa com o blog: “Não há mais o que proibir”.** Entrevista concedida à Ricardo Ballarine, blog Capítulo Dois. Disponível em: <<https://capitulodois.com/2014/03/26/autora-de-viagem-a-palestina-conversa-com-o-blog-nao-ha-mais-o-que-proibir/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

MAROCCO, Beatriz; ZAMIN, Angela; BOFF, Felipe. Os “grandes acontecimentos” e o reconhecimento do presente. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 26, n. 62, p. 92-102, maio-ago, 2012.

MAROCCO, Beatriz. **Ações de resistência no jornalismo: “Livro de repórter”.** Florianópolis: Insular, 2016.

_____. Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. **Contracampo**, Niterói, n. 22, fev. 2011.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem.** Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2015.

NUNES, Pedro (Org.). **Jornalismo em ambiente multiplataforma.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **Los modelos de la comunicación.** 2. ed. Madri: Tecnos, 1995.

RÜDIGER, Francisco. Elementos para a crítica do jornalismo moderno: conhecimento comum e indústria cultural. **Revista Famecos**, v. 17, n. 3, p. 216-227, set./dez. 2010.

SALEM, Helena. **Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Palestinos, os novos judeus**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: Além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). 2. ed. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999, pp. 74-90.

ZAMIN, Angela. “Livros de repórter”, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 8, n. 2, jul./dez. 2011.